

PERCURSOS METODOLÓGICOS E
ESTRATÉGIAS DE UMA PESQUISA DE
RECEPÇÃO DE TELEVISÃO COM
CRIANÇAS

Patricia Biegging*
Universidade de São Paulo



2014

Índice

Introdução	3
1 Inspirações e estratégias: pesquisar na escola ou fora dela? .	4
2 Métodos, práticas e adaptações para um campo com crianças	8
3 Estratégias, mapeamento e plano de ação para entrada no campo de pesquisa	10
4 Considerações acerca da experiência no campo de pesquisa .	13
Referências	14

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar o percurso metodológico, a construção das estratégias de campo e as escolhas acerca dos caminhos trilhados por uma pesquisa de recepção de televisão com crianças. O estudo foi realizado entre os anos de 2009 e 2011. Neste estudo foram utilizados um episódio do seriado norte-americano *Hannah Montana* e o desenho animado *Zica e Os Camaleões*. A intenção não era ser percebida como uma professora, exercendo involuntariamente alguma forma de poder. Diante disso, resolvemos assumir o desafio de realizar a pesquisa fora do espaço escolar. O objetivo foi fazer com que as crianças não dessem respostas que percebessem como sendo “respostas adultas”. O estudo caracterizou-se como uma pesquisa do tipo etnográfica. As estratégias de entrada e permanência no campo de pesquisa mostraram que é possível realizar um estudo de forma independente, sem a necessidade de um espaço institucional ou formal como é a escola, tornando possível ao pesquisador ser percebido pelas crianças participantes como uma espécie de “amigo” ou até mesmo confidente.

*Doutoranda em Ciências da Comunicação – ECA-USP, Mestre em Educação, na linha Educação e Comunicação – UFSC, especialista em Propaganda e Marketing e graduada em Comunicação Social, habilitação em Propaganda e Marketing. É parecerista do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior – da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina. É avaliadora Ad Hoc da Revista *Intexto* da Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Revista *Vozes e Diálogo* da Universidade do Vale do Itajaí. Faz parte do Comitê Editorial Científico da Editora Pimenta Cultural. É também pesquisadora assistente no Núcleo de Pesquisa Infância, Comunicação e Arte, do CNPq. Leciona em disciplinas de cursos do programa de pós-graduação em Comunicação da FM. E-mail: pbieging@gmail.com.

Palavras-chave: metodologia, etnografia, estudo de recepção, televisão.

Introdução

ESTE artigo tem como objetivo apresentar as estratégias da pesquisa de campo, as questões metodológicas e as ferramentas que foram necessárias para a aplicação do estudo de recepção com crianças da pesquisa de mestrado da autora na área de Educação, na linha Educação e Comunicação. Neste breve relato estão apresentadas as inspirações na formação dos grupos participantes e as escolhas dos espaços para o desenvolvimento da pesquisa de campo. Além disso, são apresentados os detalhes do processo pelo qual foi possível a aproximação junto aos sujeitos da pesquisa e as abordagens de cada etapa.

Com o intuito de não utilizar o espaço e os horários da escola para a realização da pesquisa, a identificação das crianças que participaram do estudo foi realizada por meio dos pais da nossa rede de relacionamentos. As crianças participantes foram reunidas a partir de quatro crianças convidadas inicialmente, as quais denominamos de *crianças-chave*, sendo dois meninos e duas meninas. Essas quatro crianças já possuíam um perfil socioeconômico determinado, porém o grupo que elas criaram em torno de si não foi exatamente do mesmo perfil que elas.

Essas quatro crianças eram: uma menina estudante de colégio estadual, um menino de colégio municipal, uma menina de colégio particular convencional e um menino de colégio particular baseado na pedagogia *Waldorf*. A intenção foi convidar dois meninos e duas meninas, pensando na hipótese de que as crianças tenderiam a convidar colegas do mesmo gênero que o seu, porém os dois meninos também convidaram meninas para participar, e uma das meninas também convidou meninos. Apenas uma das meninas manteve o grupo formado só por meninas. Ficamos então, com três grupos mistos e um formado só por meninas.

A pesquisa contou com os seguintes momentos: aproximação com os pais explicando o tema e a proposta da pesquisa; aproximação e conversa inicial com cada criança para explicar o contexto da pesquisa e verificar o interesse em participar; realização de entrevistas semiestruturadas; discussões de grupo.

A incursão no campo de pesquisa foi realizada entre os meses de maio e dezembro de 2010.¹ Participaram 25 crianças, 14 meninos e 11 meninas com a faixa etária entre 9 e 12 anos, de contextos sociais diferentes da região da Grande Florianópolis, estado de Santa Catarina, Brasil. Todos os encontros foram em locais, datas e horários previamente combinados com pais e com as crianças.

1 Inspirações e estratégias: pesquisar na escola ou fora dela?

A escolha pela dinâmica aplicada na pesquisa de campo, com a formação dos grupos fora do espaço da escola, se deu a partir da análise de algumas pesquisas de recepção com crianças e, principalmente, pelo desejo de esvaziar de poder a posição da pesquisadora, que poderia ser vista como uma professora. Girardello e Orofino (2009, p. 28) mencionam que “[...] quando se faz a pesquisa no espaço escolar, por exemplo, a posição do pesquisador enquanto adulto é inevitavelmente predefinida como a de alguém que mantém com as crianças uma relação de poder”. William Corsaro (2005) também foi uma das referências nesta etapa. O pesquisador observou, em seu estudo com crianças nos Estados Unidos e na Itália, que seu maior desafio estava em não ser percebido por elas como um adulto “poderoso e controlador de suas vidas”. (Corsaro, 2005, p. 443). Diante disso, o autor passou a realizar estudos “com” crianças e não mais “sobre” crianças, pois assim conseguiu com que elas passassem a participar e a contribuir de forma mais direta. Bogdan e Biklen (2006, p. 126) também alertam para essa relação de poder, ressaltando que “[...] as crianças poderão olhar para os adultos de diferentes modos; podem procurar a sua aprovação ou inibir-se. [...] Uma alternativa consiste em participar com as crianças, não enquanto figura de autoridade (um adulto), mas como quase amigo”.

Entrar no cotidiano das crianças sendo percebida como adulta e, ainda, exercendo involuntariamente alguma forma de poder, não era o objetivo, sendo este um dos motivos pelo qual a pesquisa foi realizada fora do espaço escolar.

¹A pesquisa foi aprovada de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP: processo 747; FR: 332885.

A principal inspiração para a formação dos grupos das crianças surgiu através da leitura da pesquisa de Florestan Fernandes (1979), na qual ele se inseria nos grupos formados na rua, chamados de “trocinhas”² para estudá-los. Outra leitura que foi decisiva para a formação dos grupos de modo quase espontâneo foi o relato da pesquisadora Adriana Hoffmann Fernandes (2003, p. 47) explicando que, ao final da sua pesquisa sobre desenhos animados, ela passou a ser vista pelas crianças como “a professora de Desenhos Animados”.

Como hoje em dia não vemos com frequência grupos de amigos formados na rua ou no bairro, as quatro crianças convidadas, denominadas *crianças-chave*, foram essenciais para a constituição dos grupos. Como a ideia era não ser uma “espécie de professora”, em um ambiente já dominado por essas profissionais, – a escola, onde há regras e horários determinados – mas sim que as crianças se sentissem à vontade num espaço familiar, na presença de seus amigos, onde a pesquisadora é que deveria se adaptar às regras da casa e das próprias crianças. Partindo desta ideia, o ambiente da casa das crianças seria o melhor lugar para os encontros. O objetivo com isso foi fazer com que as crianças não dessem respostas que percebessem como sendo “respostas adultas” (termo usado por Buckingham, 1993; 2007).

Com isso, as quatro *crianças-chave*³ Os nomes aos quais apresentamos as crianças são fictícios e foram escolhidos por elas próprias. tiveram a oportunidade de formar os seus grupos para participar da pesquisa. Cada uma convidou em média seis amigos para participar. Desta forma, o grupo foi formado por 7 crianças que estudam em colégio particular convencional, 6 em particular de pedagogia *Waldorf*, 1 em escola pública estadual e 11 em escola pública municipal.

Os quatro grupos foram formados a partir das quatro *crianças-chave* apresentadas em vermelho nos organogramas³:

²“As ‘trocinhas’ são condicionadas ao desejo de brincar – à recreação, como os demais tipos de grupos infantis. [...] A condição básica para a formação das ‘trocinhas’ é a vizinhança”. (Fernandes, 1979, p. 160).

³PW: escola de Pedagogia *Waldorf*; PC: escola particular convencional; EE: escola pública estadual; EM: escola pública municipal.

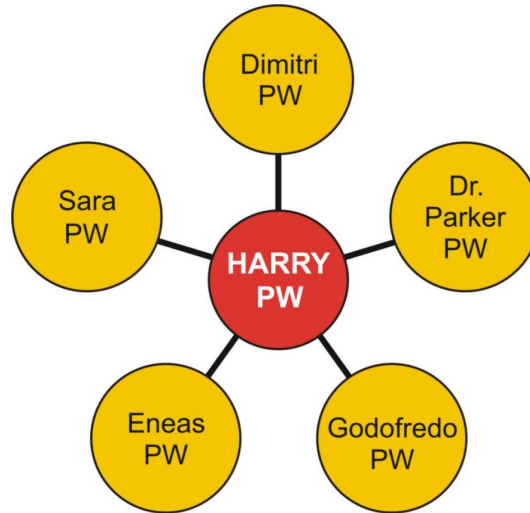


Imagem 1: Grupo de discussão do Harry
Image 1: Harry's group discussion

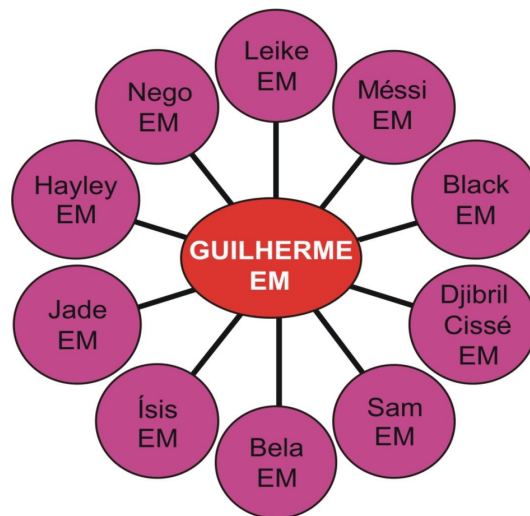


Imagem 2: Grupo de discussão do Guilherme
Image 2: Guilherme's group discussion

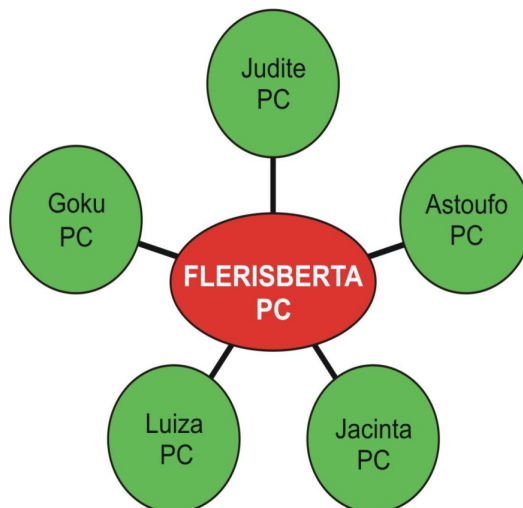


Imagem 3: Grupo de discussão da Flerisberta
Image 3: Flerisberta's group discussion

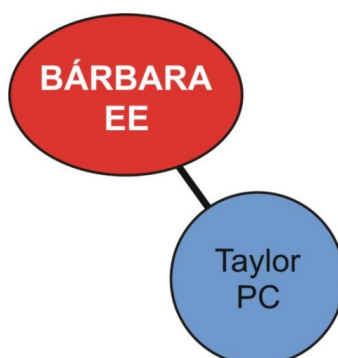


Imagem 4: Grupo de discussões da Bárbara⁴
Image 4: Bárbara's group discussion

O objetivo de convidar crianças de escolas diferentes foi o de obter visões e vivências diferentes, considerando seu convívio na escola e as diferentes classes sociais a que pertencem, assim possibilitando maior

⁴Esse grupo era formado por quatro crianças, mas duas delas faltaram à discussão de grupo desistindo de participar da pesquisa.

abrangência nas reflexões. Era de se supor que crianças de uma pequena escola básica municipal, crianças de uma escola estadual, uma particular convencional e uma particular baseada na pedagogia *Waldorf* (que não recomenda que as crianças assistam muita *tv*) tivessem experiências e visões diferentes sobre o mesmo assunto e sobre o mesmo programa de televisão.

2 Métodos, práticas e adaptações para um campo com crianças

Ainda quanto à entrada no campo de pesquisa, Corsaro relata o uso do método de pesquisa etnográfico enfocando, principalmente, “[...] o estabelecimento do status de participante e a coleta de notas de campo e de dados audiovisuais”. (Corsaro, 2005, p. 443). A partir desta e de outras leituras, esta pesquisa segue as orientações do método tipo etnográfico, que busca uma investigação da vida dos participantes e sua organização social, sendo importante que o pesquisador se inclua no cotidiano das pessoas pesquisadas.

A análise dos dados e a abordagem caracterizaram-se por uma orientação qualitativa, que tem como objetivo ajudar a entender e explicar os fenômenos sociais, tentando manter ao máximo a naturalidade do ambiente pesquisado (Merriam, 1998). Segundo Merriam (1998), a pesquisa qualitativa pode frequentemente ser conhecida através de outros termos como “[...] pesquisa naturalística, pesquisa interpretativa, pesquisa de campo, observação participante, pesquisa indutiva, estudo de caso e etnografia”. (Ibidem, p. 5, tradução nossa). As pesquisas qualitativas buscam conhecer a visão de mundo construída pelos indivíduos através de suas interações sociais; em outras palavras, os “[...] pesquisadores qualitativos estão interessados em compreender o significado que as pessoas construíram, isto é, como elas dão sentido ao seu mundo e às experiências que têm no mundo”. (Merriam, 1998, p. 6, tradução nossa). Portanto, todo o sistema simbólico foi de grande importância, pois fez com que fosse possível a ampla interpretação e análise dos discursos das crianças a partir de elementos da mídia, levando em consideração que este sistema está em constante mutação e que os participantes passam por pressões, negociações e apropriações destes discursos.

O objetivo desta pesquisa de mestrado foi entender como as crianças

se relacionam com as representações identitárias produzidas pelas mídias e como tais representações são eventualmente efetivadas nas suas práticas cotidianas, por isso este método, suas estratégias e escolhas permitiram que o estudo alcançasse os objetivos propostos.

A interpretação dos dados baseou-se nas situações levantadas pelas crianças e também as questionadas durante os encontros, considerando os significados estabelecidos pelos vídeos examinados, além daqueles produzidos pelas crianças a partir do contexto social, de fatos da história, da cultura e de outras áreas. Assim, a interpretação fundamentou-se não apenas nos discursos da mídia, mas em grande parte, e especialmente, no que as crianças disseram sobre eles e sobre as questões do cotidiano que consideraram importante inserir nas conversas. Considerou-se especialmente para o que Ribes Pereira (s/d) explica sobre a relação entre pesquisador e crianças: segundo ela, “[...] numa perspectiva dialógica e alteritária compreende-se que crianças e adultos são sujeitos históricos que, em suas ações, interpretam e transformam social e culturalmente o mundo que as cerca, tanto quanto a si mesmos, de modos distintos”.

Algumas questões institucionais também foram importantes durante todo o processo de incursão no campo de pesquisa. Para firmar a participação das crianças nesta pesquisa, os seus pais e responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde foram pontuados os objetivos da pesquisa, a amostragem, os procedimentos de captação de imagem e som, os processos das discussões de grupo e as entrevistas semiestruturadas, os locais onde poderiam ser realizadas as pesquisas, a possibilidade de desistência da criança em qualquer momento do processo, os contatos da pesquisadora, o esclarecimento quanto à não necessidade de despesas e/ou pagamentos por nenhuma das partes e o compromisso de que os resultados da pesquisa serão exclusivamente de uso educativo, os quais poderiam vir a gerar artigos científicos. Além disso, um termo de autorização quanto à captação de imagens, gravações de áudios e fotos durante o desenvolvimento da pesquisa também foi assinado pelos pais e/ou responsáveis. Foi esclarecido às crianças e aos pais que a gravação, nestas etapas, serviria apenas como material de apoio à transcrição dos dados.

Outra questão importante é quanto à identificação. Para garantir o anonimato e a privacidade, optamos por solicitar às próprias crianças a

escolha de um nome pelo qual desejassem ser mencionadas no trabalho. Fantin (2009), em um artigo sobre princípios éticos na pesquisa com crianças, diz que as identidades precisam ser preservadas, não somente pela substituição do nome, mas também em relação às imagens captadas durante a pesquisa. Os nomes escolhidos foram os mais diversos, desde personagens de desenho animado, a filmes, seriados e nomes que as crianças consideraram “engraçados”.

3 Estratégias, mapeamento e plano de ação para entrada no campo de pesquisa

A pesquisa foi dividida em duas etapas e a elaboração de um checklist foi essencial para nortear todo o desenvolvimento de incursão no campo.

Na primeira etapa, para a captação das crianças participantes e realização das entrevistas semiestruturadas, foi necessário: relacionar pessoas conhecidas que tivessem filhos entre 9 e 12 anos. A partir deste mapeamento seguimos para as primeiras abordagens: conversar com estes pais e explicar-lhes o projeto; perguntar sobre a possibilidade de apoio no sentido de ajudar a conversar com os pais dos amigos dos seus filhos e convidá-los a participar da pesquisa. Buscamos sempre esclarecer a importância do consentimento e da assinatura do termo de autorização. A cada investida tomamos todo o cuidado de deixar claro para a criança qual seria a sua atuação na pesquisa e, especialmente, sobre o tema que iríamos conversar durante todos os nossos encontros. Isso gerou mais alguns procedimentos: conversar com as crianças para saber se gostariam de participar da pesquisa; pedir a elas a indicação dos seus amigos para juntos realizarmos a pesquisa; indagar a respeito da possibilidade de realização da discussão de grupo em suas casas; ligar para todos os pais, explicar o projeto já comentado pelos pais das quatro crianças e iniciar o agendamento das entrevistas semiestruturadas e em locais escolhidos pelos mesmos; cumprir o agendamento das entrevistas.

Os locais escolhidos pelos pais e/ou responsáveis para a realização das entrevistas semiestruturadas com as 25 crianças foram os seguintes: a própria casa da criança (18); escola de natação das crianças (6); shopping center (1).

O roteiro básico para as entrevistas semiestruturadas contou com 41 questões, entre objetivas e dissertativas. As questões tinham como objetivo conhecer as práticas culturais e o consumo de mídias das crianças participantes. O questionário base desta etapa foi elaborado pelo grupo de pesquisa Núcleo Infância Comunicação e Arte (NICA) (Girardello; Orofino; Nodari, 2000), da UFSC, onde são elencadas perguntas abertas e de múltipla escolha. Acreditamos que este roteiro semiestruturado seja útil para entendermos inicialmente a relação das crianças com as mídias, e ainda saber o que essas crianças falam sobre os conteúdos que recebem. As entrevistas foram respondidas verbalmente, sem o preenchimento em formulário, e foram gravadas em áudio para posterior transcrição. As primeiras oito questões buscaram conhecer um pouco mais sobre o ambiente familiar da criança; na sequência procuramos saber quais suas brincadeiras e locais onde mais gostam de brincar; de forma quantitativa, foi perguntado sobre os equipamentos eletrônicos que possuem em casa e quais aqueles de que mais gostam; programas de TV preferidos e não preferidos, além do uso de outras mídias como rádio, jornal, livros, cinema, teatro, internet, música e computador; por fim buscou-se saber sobre possíveis profissões que desejariam assumir na idade adulta e, caso tivessem uma lâmpada mágica, quais seriam os seus maiores desejos.

Na segunda etapa, para a reunião das crianças participantes captadas na primeira etapa e para a realização das discussões de grupo, foi necessário: pedir novamente aos quatro pais o espaço das suas casas para a realização das discussões de grupo, os quais foram realizados na casa de três crianças participantes e um dos grupos na casa da pesquisadora; ligar novamente para todos os pais e verificar uma data comum a todos para a realização das discussões de grupo; falar com todas as crianças para saber o que gostam de comer e tomar; realizar um check-list das questões e etapas a serem cumpridas em cada discussão de grupo; no dia anterior do encontro, ligar novamente para todos os pais das crianças para lembrá-los sobre a pesquisa e perguntar se as crianças precisavam de carona para chegar à casa do amigo; separar todos os materiais e equipamentos a serem levados para as discussões de grupo; no dia da pesquisa, comprar o lanche para as crianças; buscar em suas casas as crianças que precisavam de carona; no local da realização da pesquisa, montar os equipamentos como DVD, caixas de som e notebook; realizar

a pesquisa; fazer a pós-produção (ou “desprodução”) de tudo; finalizar o processo organizando os materiais coletados.

Para que as discussões de grupo dos quatro grupos tivessem uma unidade com relação à sua sequência de desenvolvimento e aplicação, foi elaborado um roteiro básico para nortear as discussões. Entre as questões estavam: O que vocês sentiram ou pensaram quando assistiram aos vídeos? Vocês conhecem situações parecidas com o que aparece nos vídeos? Em caso de citações sobre as categorias “perdedores” ou “populares”: Existem “perdedores” ou “populares”? Vocês conhecem algum “perdedor” ou “popular”? O que é ser “perdedor”? O que é ser “popular”? Qual o sentido em dividir “perdedores” de “populares”? Essa divisão entre os grupos ajuda ou atrapalha a pessoa a viver? Quais as diferenças entre os dois vídeos? A partir deste esquema base, foram levantadas questões importantes quanto à visível divisão dos grupos, especialmente em relação ao espaço escolar.

Nas entrevistas semiestruturadas foi utilizado um gravador de áudio e na etapa das discussões de grupo uma filmadora. Por se tratar de um número maior de crianças, a utilização da filmadora foi essencial, pois facilitou a transcrição das falas, das relações e do gestual. Hodge e Tripp deixam claro que os estudos de recepção da televisão devem levar em conta não apenas as falas das crianças, “[...] mas também o contexto comunicativo não verbal que as acompanha, como olhares, gestos, expressões, movimentos, tom e altura da voz, velocidade da fala, etc.”. (1986 apud Girardello; Orofino, 2009, p. 26).

As discussões de grupo foram realizadas, como já explicitado, a partir de um episódio da série Hannah Montana e do desenho animado Zica e os Camaleões. Esta etapa ocorreu entre os meses de setembro e dezembro de 2010. A discussão em grupo e as entrevistas trouxeram informações importantes, deixando aparecer diversas representações nos discursos das crianças. É evidente que a presença e as intervenções da pesquisadora também fazem parte do processo da pesquisa. E que, nesta dinâmica, “[...] adultos e crianças se implicam no contexto da pesquisa e se tornam responsáveis pela produção socializada de um conhecimento só possível na presença um do outro”. (Ribes Pereira, s/d). Buckingham (1993) também explica que em pesquisas de recepção anteriores, a influência e o ato de pesquisar do entrevistador eram ignorados, como se a presença dele naquele ambiente não alterasse o contexto

da pesquisa através do “[...] papel das dinâmicas interpessoais ou de grupo”. (Buckingham, 1993, p. 42, tradução nossa).

Na primeira abordagem às crianças e mesmo no início de cada discussão de grupo foram explicados os motivos para o uso da filmadora. Uma menina de um dos grupos chegou a perguntar onde estava o gravador de áudio utilizado na entrevista. Foi explicado que como elas estavam em um grupo grande ficaria complicado conseguir transcrever as falas não sabendo de quem eram as vozes. As crianças deste grupo específico pediram para ver o equipamento e se mostraram bastante à vontade. Antes de iniciarmos as discussões, as crianças realizaram um pequeno interrogatório. Queriam saber: quem iria ver a filmagem? Se colocaríamos na internet, no Twitter, no Youtube? Se os seus pais iriam vê-los? E outras tantas perguntas. Após isso, iniciamos a pesquisa. A fotografia foi apenas uma forma de registro de dados da pesquisa. O grupo que questionou sobre a filmadora também desejou, ao final, tirar suas próprias fotografias. A maior preocupação de outro grupo de crianças era saber se todos estavam enquadrados na gravação, o que gerou frequentes olhadas no visor da câmera e reposicionamento dos colegas na área da captação. Um comportamento comum entre os grupos perante a filmadora dizia respeito às caretas muito próximas à lente e à vontade de encenar as situações como se estivessem atuando, ou melhor, fazendo a reconstituição da cena.

4 Considerações acerca da experiência no campo de pesquisa

A partir de toda a dinâmica estabelecida pela incursão no campo, foi possível, através das falas das crianças nas discussões de grupo, agrupar as análises dos dados da pesquisa em categorias, ou mesmo a partir dos estereótipos apresentados nas falas das crianças participantes, os quais foram relacionados durante os encontros. As similaridades entre as falas ofereceram margem para essa divisão baseada em temas levantados pelas crianças a partir dos audiovisuais assistidos.

Outra característica que possibilitou esse cruzamento foi o pequeno roteiro básico utilizado em cada um dos quatro encontros. Foram perguntas-chave que abriram caminhos para amplas conversas sobre a temática da dissertação. As questões de certa forma mostraram às crian-

ças a real importância da sua participação na pesquisa, e em variados momentos as próprias crianças realizaram questionamentos entre si a partir das falas dos demais colegas participantes.

Além disso, a formatação que as estratégias metodológicas ofereceram durante todo o processo, possibilitou que a pesquisadora ocupasse o lugar de mediação nas falas e nas discussões das crianças a partir dos audiovisuais que foram apresentados, deixando espaço para que as crianças se expressassem com a maior espontaneidade possível. Desta forma, a intervenção da pesquisadora junto às discussões foi necessária apenas para estimular o debate, oferecendo meios para que as crianças pudessem desenvolver da melhor forma os seus assuntos e, especialmente, de maneira a enriquecer os discursos.

Referências

- Bogdan, R. & Biklen, S. (2006). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos, Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora.
- Buckingham, D. (1993). *Children Talking Television: The Making of Television Literacy*. Critical Perspectives on Literacy & Education. London: The Falmer Press.
- _____. (2007). *Crescer na era das mídias eletrônicas*. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Loyola.
- Corsaro, W. (2005). *Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, nº 91, p. 443-464, Maio/Ago.
- Fantin, M. (2009). “A pesquisa com crianças e mídia na escola: questões éticas e teórico-metodológicas”, in: Girardello, G. & Fantin, M. (Orgs.). *Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças*. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, p. 47-72.
- Fernandes, A.H. (2003). *As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados*. 2003. 178 f. Dissertação

(Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Fernandes, F. (1979). *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes.

Girardello, G. & Orofino, M.I. (2009). “A pesquisa de recepção com crianças: mídia, cultura e cotidiano”, in: Fantin, M. & Girardello, G. (Orgs.). *Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças*. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, p. 23-45.

Girardello, G; Orofino, M.I. & Nodari, C. (2000). *O Imaginário Infantil e as Mídias: um estudo de recepção com crianças de primeira série em Florianópolis*. Projeto de Pesquisa FUNPESQUISA/CCE/UFSC.

Merriam, S.B. (1998). *Qualitative Research and Case Study Applications in Education: Revised and Expanded from I Case Study Research in Education*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Ribes Pereira, R. M. (2011). *As crianças e a telenovela*. Rio de Janeiro: Mimeo, s/d. São Paulo – SP, Anais COMUNICON.